



IDENTIFICAÇÃO DAS MULHERES NA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA E NAS FEDERAÇÕES ESTADUAIS DE RUGBY

Palavras-chave: Rugby. Gestão esportiva. Igualdade de gênero.

**ARIELLY SIQUEIRA MEDEIROS, Faculdade de Ciências Aplicadas
(FCA/UNICAMP)**

**Prof^(a). Dr^(a). Leandro Carlos Mazzei (orientador), Faculdade de Ciências
Aplicadas (FCA/UNICAMP)**

RESUMO

O século XX foi marcado por algumas ascensões em relação à ocupação de mulheres em espaços públicos e privados, mas a desigualdade ainda é intensa e gritante em algumas situações, organizações e cargos. Entretanto, o espaço da mulher nas estruturas organizacionais do Esporte no Brasil foi traçado por poucos movimentos, provocando baixíssima inserção de mulheres nessa área. Assim, o novo projeto irá aprofundar e dar maior luz sobre este tema de pesquisa extremamente pertinente e emergente, que seria a “Identificação das Mulheres na Estrutura Organizacional da Confederação Brasileira de Rugby e nas Federações Estaduais de Rugby”, com **OBJETIVO** de apresentar uma identificação quantitativa acerca de quantas mulheres participam do esporte no Brasil, da gestão esportiva, arbitragem, sendo pesquisado no órgão máximo do Rugby brasileiro- CBRU e suas federações, através de análise documental. Uma vez que apesar de ainda ser uma modalidade pequena no Brasil, o rugby vem crescendo desmedidamente no país. O órgão máximo do rugby brasileiro tem como *CEO* uma mulher, que a mesma assumiu ao final de 2020, mas será que as outras organizações desta modalidade acompanham esta tendência? Será que as mulheres estão em número considerável nas estruturas organizacionais? E talvez refletir se essas mulheres de fato voz ou autonomia em suas atividades laborais. **INTRODUÇÃO-** O rugby surgiu na Inglaterra no século XIX, a partir de uma história onde o fundador William Webb Ellis teria inovado ao pegar a bola na mão em um jogo tradicional e correr para a linha de fundo com a mesma. Ao longo dos anos, o rugby foi difundido pela Inglaterra

(imperialista) e pelo mundo, principalmente após 1871, época em que foi criado a Rugby Football Union, que marcou a separação oficial do futebol tradicional, que anteriormente abrangia os dois esportes (RYAN, 2008).

Em sua história, o rugby se caracteriza como esporte viril, majoritariamente praticado por homens, foi somente no final século XX que as mulheres puderam participar do esporte (RYAN, 2008). No mesmo período, há o início da ascensão em relação à ocupação de mulheres em espaços públicos e privados, mesmo que exista a intensa desigualdade gritante em algumas situações, organizações e cargos (GOMES, 2008 APUD DERÓS; GOLLNER, 2009).

Especificamente sobre o rugby no Brasil, o seu início é datado ao fim do século XIX em Santa Catarina, inclusive “com a formação de duas equipes femininas: o Barra Rugby Clube e o Desterro Rugby Clube, que já possuíam categorias masculinas” (BARBOZA et al. Apud CHAGAS, 2007). Em 2004, foi criada a primeira Seleção Brasileira Feminina de Sevens, e em 2018 a primeira seleção juvenil feminina, ambas criadas para a participação em campeonatos específicos.

Entretanto, a desigualdade de gênero marcada por eras, ainda apresenta consequências no desenvolvimento esportivo, seja no rugby ou em outras modalidades (GOELLNER, 2005). Mesmo que as mulheres tenham lutado e assim ganhado alguns direitos, tal realidade não mudou até a atualidade, e isso se reflete tanto nos âmbitos sociais, como em especial no estudo, no âmbito esportivo. Logo, a relevância de investigar como a representatividade da participação das mulheres em cargos e em ações é imprescindível, para haver a compreensão do enfrentamento da desigualdade ainda muito fixada na sociedade.

Uma vez dito isso, e enquanto o órgão máximo do rugby vai a contrapartida com a realidade das baixas porcentagens estatísticas femininas em detrimento das masculinas em cargos hierárquicos altos no meio esportivo, com uma CEO feminina, Será que os esforços estão sendo suficiente?

O Instituto de Pesquisa DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV), realizou pesquisa qualitativa para ouvir brasileiras que atuam como atletas, paratletas e técnicas desportivas sobre experiências e perspectivas em relação à igualdade de gênero no ambiente esportivo.

Foram realizadas 22 entrevistas em profundidade entre 07 de dezembro de 2019 e 05 de março de 2020. Segundo o site oficial do senado apesar dos avanços ser mulher ainda é o impacto para desenvolvimento da carreira no esporte, mesmo que a partir das entrevistas tenha havido avanços na história da mulher no esporte.

Segundo a Confederação de Rugby, 43% dos cargos da entidade é composto por mulheres; 38% do Conselho Administrativo é composto por mulheres e 30% dos órgãos colegiados também é composto por mulheres.

No site da Confederação Brasileira de Rugby é apresentada a gestão 2023 através do organograma (figura abaixo), e percebe – se que a presença feminina é baixíssima e ausente nas presidências. O Comitê Executivo que demonstra a presença feminina como CEO, porém na maioria dos demais cargos ocupados a prevalência ainda é masculina conforme acervo do site oficial.

Norteadando a pesquisa sobre o presente tema, no site da Confederação Brasileira de Rugby na aba de federações é apresentado as federações e o presidente por estado, e fica mais que evidenciado a ausência de gestão feminina nas federações oficiais brasileiras.

Segundo dados da Confederação Brasileira de Rugby (CBRu) apud Daga (2018), eram cinco mulheres na arbitragem em 2012, A mesma autora ainda conta que quem colocou o Brasil no mapa do rugby mundial foram as mulheres. Situação que vai de contramão de muitos esportes, como o futebol, em 2018, além de se destacar como jogadoras, elas vêm ganhando notoriedade também no apito.

De acordo com dados da Confederação Brasileira de Rugby em 2020 a Sudamerica Rugby e a World Rugby estão trabalhando com um grupo de 12 mulheres árbitras no quadro principal, com seis países representados.

A porcentagem de arbitragem da Confederação Brasileira de Rugby em 2023 documenta tal realidade, com 117 árbitros atuantes, somente 23,1% são mulheres, e em sua descrição os cargos de gerente de arbitragem, manager de arbitragem e coordenador de desenvolvimento de arbitragem são ocupados por profissionais do sexo masculino, portanto, fica demonstrado que não tem representação feminina no topo do gerenciamento e cargos de diretoras na arbitragem.

Segundo dados do Comitê Olímpico Internacional (COI), apud Duarte e Costa (2021) são apenas 17 dos 206 Comitês Olímpicos do mundo todo que são presididos por mulheres. Estes são números que, tristemente, não apontam uma

novidade, mas são apenas mais um exemplo da falta de representatividade histórica da figura feminina em cargos de liderança fora e dentro do Brasil.

A Confederação de Rugby em 2022 deu início a um projeto que alimenta a esperança acima citada de mudanças, neste que será citado é um projeto oficial para desenvolvimento do rugby feminino – projeto NINA. A confederação afirma que, o escopo do projeto vai além do desenvolvimento esportivo. O NINA trabalha dentro dos clubes o empoderamento feminino através do rugby, com a promoção de conteúdos e pautas que impactam em temas do universo feminino, de saúde à carreira profissional. “O NINA é nosso projeto de incentivo ao empoderamento feminino através do rugby dentro dos clubes,”, afirma Leca Jentzsch, gerente do NINA.

CONCLUSÃO- Portanto conclui-se que é notória a ausência das Mulheres na Estrutura Organizacional da Confederação Brasileira de Rugby e nas Federações Estaduais de Rugby, e por isso há necessidade de continuar fomentando sobre necessidade de igualdade de gênero na gestão esportiva das confederações em cargos de presidência e não somente em cargos administrativos conforme foi apresentado nesta pesquisa.

Referências

AZEVEDO, P. H. O Esporte como Negócio: uma visão sobre a gestão do esporte nos dias atuais. Revista EVS, v. 36, n. 5, p. 929-939, 2009.

BARBOZA, Aída Linhares et al. **RUGBY FEMININO: VENCENDO O PRECONCEITO ATRAVÉS DOS RESULTADOS**. Revista De Trabalhos Acadêmicos – Universo Belo Horizonte , Vol. 1, No 2 (2017).

CHAGAS, V. das. **Dez anos de Rugby feminino no Brasil: A realidade das jogadoras da seleção brasileira** – campeã do III torneio sul-americano de rugby.

DERÓS, C.C.; GOELLNER, S. V. (2009). Mulheres na gestão do esporte brasileiro: um estudo pioneiro. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 235- 242, 2009.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L.; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 103–124, 2013.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85–100, 2005.

MAZZEI, L. C. et al. Diagnóstico e Possíveis determinantes dos Patrocínios no

Esporte Olímpico Brasileiro. **Pulsar**, v. 6, n. 4, p. 1-16, 2014.

PEREIRA, Leonardo. **O que é estrutura organizacional**. Disponível em: <https://www.dicionariofinanceiro.com/estrutura-organizacional/>

Acesso em 08/06/2023.

ROCHA, Cristina. **Gênero em ação: rompendo o Teto de vidro? (Novos contextos da tecnociência)**. 2006. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RYAN, G. (ED.). **The Changing Face of Rugby: The Union Game and Professionalism since 1995**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2008.

Mulheres no esporte: Pesquisa sobre equidade de gênero. Site Senado 2023. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mulheres-no-esporte-pesquisa-sobre-equidade-de-genero>. Acesso: 07/06/2023

Número de mulheres na arbitragem do rugby brasileiro dobra em seis anos.

Brasil Rugby 2023. Disponível em : <https://brasilrugby.com.br/2020/06/04/arbitras-brasileiras-continuam-abrindo-novos-caminhos-para-o-rugby/> Acesso

07/06/2023

Projeto NINA. Brasil Rugby. Disponível em: <https://brasilrugby.com.br/2022/08/15/nova-fase-para-o-rugby-feminino-projeto-nina-comeca-oficialmente/> Acesso em 08/06/2023.